

O TERRITÓRIO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA

Alisson Riceto

Graduando em Geografia – UFU
alissonricgeo@yahoo.com.br

Vicente de Paulo da Silva

Professor Adjunto do Instituto Geografia da UFU
vicente@ig.ufu.br

RESUMO

O objetivo principal deste artigo é discutir as diversas acepções de 'território', uma vez que ele pode ser uma chave para uma melhor compreensão da ciência geográfica, assim como, do nosso lugar no mundo. A partir daí, almeja-se pensá-lo como uma categoria de análise da Geografia. O trabalho é parte de uma discussão teórica que vimos realizando conjuntamente ao longo dos últimos meses. Nossa atenção em relação a essa categoria aumentou quando, na disciplina 'Iniciação à Pesquisa Geográfica' – Curso de Geografia da UFU, sentimos o quanto os alunos careciam desse debate e, por outro lado, o quanto seu entendimento pode contribuir com o que chamamos de 'Compreensão da própria Geografia'. O trabalho não se encerra na apresentação deste artigo. Ao contrário, ele é o início de um investimento para novas proposições no nosso fazer geográfico.

Palavras-chave: Território, Geografia, Categoria de análise.

TERRITORY AS CATEGORY OF GEOGRAPHY'S ANALYSE

Abstract

This article aims to discuss on the several definitions of 'territory' while it can be a key to a better comprehension of the geographic science as well as our place in the world. We would like to think of it as a category of analysis of Geography. The work is part of a theoretical discussion we have done in the last months. Our attention regarding this category increased in the study period of the subject 'Introduction of the Geographic Research' – Geography Course in UFU, when we felt how much the students needed the debate and, on the other hand, how much its understanding can contribute with what we named 'Comprehension of Geography itself'. However, this work is not complete. On the contrary, it is the beginning of an investment to new propositions in our Geographic practices.

Keywords: Territory. Geography. Category of analysis.

INTRODUÇÃO

Entender os diferentes conceitos de territórios tem sido o foco de estudos de profissionais professores e estudantes ligados à ciência geográfica, sendo que essa categoria também tem sido trabalhada pela Sociologia, Antropologia, História. Assim, são muitas as áreas para as quais o território desempenha um caráter explicativo da realidade. Entretanto, há que se atentar para o fato de que território pode ser entendido de diferentes maneiras a depender da área de investigação. Dessa maneira ele pode servir a diversas formas de utilização.

O espaço geográfico ou, o espaço socialmente construído, constitui o objeto de estudo da Geografia. Ele pode ser pensado em diferentes escalas também definidas como categorias de

Recebido em 20/04/2008

Aprovado para publicação em 22/12/2008

análise da geografia. Dentre elas se destaca o Território, considerado por muitos profissionais da área, como sendo uma das principais categorias. Ele se torna tema de debates e discussões, tendo como característica marcante a pluralidade de definições. Há uma polissemia do uso do termo, porém é preciso que passemos da simples definição para os diversos significados a fim de que possamos entender o debate acerca dessa categoria.

Autores nas diversas áreas do conhecimento têm buscado entender a realidade a partir do entendimento do significado do território, podendo ser interpretado de acordo com a área de investigação conforme o exposto acima. Uma compreensão da amplitude do termo é oferecida por Haesbaert (2004) que mostra como cada área de conhecimento tem um enfoque centrado em uma determinada perspectiva.

Segundo esse autor o geógrafo enfatiza a sua materialidade nas múltiplas dimensões, enquanto que a Ciência Política enfatiza uma construção a partir de relações de poder. Na Economia é visto como fator locacional ou como base da produção, enquanto a Antropologia enfatiza preferencialmente a sua dimensão simbólica.

Desse modo, buscar-se-ão definições que tornem possível a análise e compreensão desse termo. Todavia, o objetivo principal desta empreitada é pensarmos uma forma de entendimento do território sem, contudo, nos aprisionarmos nela, mas acima de tudo estar atentos às diversas possibilidades pelas quais ele é apreendido.

TERRITÓRIO: CONCEITOS E DEBATES

O território é um termo cujas acepções podem ser diversas e diferenciadas como foi observado por Mesquita (1995). É também essa autora quem oferece uma definição específica ao termo, com a qual compartilhamos. Ela argumenta que o território é o mais próximo de nós, logo, falar de território é também falar de sujeitos, de vida cotidiana, de sentimentos e de desejos, enfim, é falar do próprio lugar.

A nosso ver o território é uma construção social e por sua vez inseparável da territorialidade. Esta também é definida em Mesquita (op cit, p.83) que a entende “como projeção de nossa identidade sobre o território”. É esse o sentido que damos ao território quando buscamos, a partir do seu entendimento, compreender como os homens constroem seu campo, ou campos, de relacionamento.

Milton Santos (1988) diferencia território de configuração territorial e também de espaço e paisagem. Claude Reffestin (1993) também diferencia espaço de território e alerta para o fato de que muitos cientistas, inclusive ou principalmente os geógrafos, têm cometido sérios erros de análise por não pensarem nessas diferenças e usarem os termos como sinônimos quando devem ser considerados, e são, diferentes.

Para ele o território “se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático em qualquer nível” (1993, p. 143). Nessa fala, fica clara a preocupação em discernir as duas categorias que antes eram, ou são, vítimas de muita confusão.

Spósito (2004) também se refere às diversas acepções do termo e aos equívocos quanto a considerá-los equivalentes sem a devida distinção. Segundo esse autor é a falta de leituras mais aprofundadas sobre o assunto que tem sido a causa de mal entendidos na definição de território e espaço.

Não há um consenso quanto ao emprego do termo, como já apontamos. Por isso é importante definirmos qual é a visão que utilizamos. Também não há consenso quanto à sua escala, o que torna imprescindível a sua delimitação – se nacional, estadual, local, a cidade, o bairro, a rua, enfim, o lugar –, na análise a ser feita. De antemão podemos admitir que o evento que se analisa pode muitas vezes definir a escala do território, mas não se confunde com ele.

Durante um longo período histórico, e mesmo hoje, a defesa ou a luta pelo território, entendido como o limite da nação, foi ponto crucial para deflagração de inúmeras guerras e carnificinas. A evolução das relações entre os homens promove uma busca por novos mercados

consumidores, fornecedores de matérias primas, de mão-de-obra constituindo novas formas de organização e de defesa que não necessariamente a guerra. Desde o período colonial, séculos XV e XVI, e mais tarde com o desenvolvimento da Ciência Geográfica temos assistido a diferentes maneiras de produção de território, ou territórios.

O território passou a ser estritamente vinculado às suas potencialidades, aos recursos naturais que uma determinada área poderia oferecer, bem como à sua posição geográfica, pois assim acreditava-se que o desenvolvimento da sociedade fosse influenciado de forma contundente por esses recursos.

Dentre os autores que abordaram essa visão Friedrich Ratzel merece ser destacado. Ele vivenciou o processo de constituição do Império Alemão, ocorrido na segunda metade do século XIX, e trazia consigo uma visão existencialista do território. Segundo ele, o progresso de um povo estava vinculado à utilização dos recursos naturais que o território ocupado por ele oferecia.

Nas palavras de Ratzel (apud Moraes 1997, p. 56) “Quando uma sociedade se organiza para defender o território, transforma-se em Estado”, ou seja, com essa ação de cunho militar, que exige organização e unidade, tem-se a constituição de uma estrutura que torna legítima a existência do território que, por sua vez, se encontra sob a tutela do Estado. Como defendia o pensador, se uma sociedade perde seu território está fadada à decadência, e assim entenda-se o Estado; o oposto seria, então, sinônimo de progresso.

Essa afirmação pode ser observada mais recentemente frente às guerras e impasses políticos mais recentes que presenciamos. Podemos exemplificar com a questão das fontes de energia, como petróleo e gás natural, principalmente no oriente médio. Não que os ditos países opressores se tornem donos ou mesmo anexem aos seus domínios os territórios dos países ditos oprimidos, mas é inegável que os primeiros exercem forte influência econômica e política, sobre o país e suas fontes energéticas.

Outro autor que dá importante contribuição ao estudo do território é Claude Raffestin, o qual apresenta a seguinte concepção: “esse se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático em qualquer nível” (1993, p. 143). Nessa fala, fica clara a preocupação em discernir as duas categorias que antes eram, ou são, vítimas de muita confusão.

O espaço, segundo essa concepção, seria a unidade primeira, de certa forma seria o substrato, onde se constituem as demais categorias, ou seja, o território, a paisagem, a região, o lugar, dentre as mais relevantes.

Ele continua a afirmar que “ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator territorializa o espaço” (RAFFESTIN, op. cit, p. 143). Aqui chegamos a um ponto que chama a atenção. A apropriação do espaço aparentemente o faz cativo, ou torna o homem cativo dele. Ela impõe limites e fronteiras e, assim, o transforma em território.

A apropriação do espaço, transformando-o em território, conforme a visão de Raffestin pode ser pensada de diversas formas. Para se ter uma idéia, no meio urbano os territórios são em grande parte delimitados por muros e paredes que parecem fazer aumentar ainda mais o individualismo pregado pelo sistema capitalista.

Atualmente a própria paisagem urbana tem sido alterada em função da delimitação e defesa de territórios. As cercas elétricas, as placas de anúncio da existência de alarmes monitorados, as fachadas protegidas por grades, câmeras, ou os objetos pontiagudos em cima de muros, são apenas alguns exemplos que revelam um pouco dessa defesa e muito das fragilidades do território.

Como matriz da cultura, ou como uma das matrizes, a paisagem desempenha um importante papel na aquisição de conhecimentos, atitudes e reflexos dos quais temos necessidade para viver: “Ela constitui o quadro em relação ao qual aprendemos a nos orientar; ela fala da sociedade na qual se vive, e das relações que as pessoas aí estabelecem com a natureza...” (CLAVAL, 1999, p.92)

No momento em que a paisagem fala da sociedade na qual se vive como afirmou Claval, somos levados a interpretar nossa sociedade e a defesa do território, pelas marcas referidas anteriormente, ou seja, o aparato que se ergue às nossas vistas sobre as construções, as novas cercas que, ao passo que seduzem o olhar, também colocam cada um em seu devido lugar.

Reconhece-se que o termo território está presente em várias escalas e, assim, hoje se faz cada vez mais sinônimo de contradição e discriminação:

[...] o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que o envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço, já é uma apropriação [...]. (RAFFESTIN, 1993, p. 144)

Seja na escala da casa, da rua, do bairro ou da cidade, do estado ou da nação, a delimitação de territórios é algo complexo, e sempre objeto de defesa. Em tempos de rápida evolução do sistema, essa apropriação do espaço e a sua transformação são cada vez mais visíveis e mais excludentes.

Entretanto, essa apropriação se dá de forma estratégica, principalmente, se realizada pela minoria que se beneficia das contradições do capitalismo. Tomemos como exemplo os condomínios residenciais, escondidos atrás de muros fortalezas, onde parece se formar uma outra sociedade ou, parodiando George Orwell em *A Revolução dos Bichos*, uma sociedade de indivíduos mais iguais que os outros.

Culturalmente o território pode ser definido como o espaço de um reconhecimento, onde os indivíduos se declaram como parte, seja de um lugar ou de uma manifestação e aí se identificam, se realizam, se encontram e se sentem protegidos.

Ele se manifesta em diferentes formas e conteúdos. Por exemplo, pertencer a um determinado bairro leva o morador a dizer que tal bairro é o seu território. Porém, esse território pode aparecer simplesmente numa forma de manifestação cultural, como uma religião, uma seita ou uma festa como a do congado na cidade de Uberlândia. Essas manifestações acabam por definir territórios destinados a elas e, por esse motivo, necessários de defender.

Essas manifestações remetem o território a uma dimensão afetiva, mais abstrata e talvez mais significativa do espaço físico. "o que o território oferece, enquanto lugar é um ponto de referência, uma âncora para um grupo" (BARCELLOS, 1995, p.47)

Nesse sentido quando falamos em território é comum que se pense também em uma forma de manifestação, pois ele pressupõe a vida em toda a sua complexidade, mas também nas suas singularidades:

O território é o que é próximo; é o mais próximo de nós. É o que nos liga ao mundo. Tem a ver com a proximidade tal como existe no espaço concreto, mas não se fixa a ordens de grandeza para estabelecer a sua dimensão ou o seu perímetro. É o espaço que tem significado individual e social. Por isso ele se estende até onde vai a territorialidade. Esta é aqui entendida como projeção de nossa identidade sobre o território... (MESQUITA, 1995, p. 83).

A citação de Mesquita é particularmente interessante à medida que enfatiza a importância da territorialidade e, embora seja diferente do território, os termos acabam por serem complementares. Pertencer a um território é acima de tudo querer e sentir-se reconhecido nele. A territorialidade diz respeito a esse sentimento, ou seja, o de pertencimento a um território.

A abordagem da territorialidade é, como diz Spósito, mais voltada para o indivíduo:

Aí temos o território do indivíduo, seu 'espaço' de relações, seu horizonte geográfico, seus limites de deslocamento e de apreensão da realidade. A territorialidade, nesse caso, pertence ao mundo dos sentidos, e portanto da cultura, das interações cuja referência básica é a pessoa e a sua capacidade de se localizar e se deslocar (op cit, p.113).

De fato a territorialidade pressupõe o indivíduo e não tem sentido sem ele. Mais do que isto, ao falarmos da territorialidade estamos, necessariamente a falar, da própria identidade. É o fato de ser usado pelo homem, para falarmos conforme Milton Santos, que dá ao território o status de categoria de análise. Sem isso qual seria o sentido de debruçarmos sobre o seu estudo?

O território usado, diz Milton Santos, é diferente do território em si. Isto reforça a idéia posta anteriormente de que o mesmo só tem sentido se nele incluímos o homem com suas demais construções econômicas, políticas, sociais, e culturais:

... O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 2006, p. 15).

Finalmente, para a questão quanto a ser o território uma construção concreta ou abstrata, dizemos que as duas coisas são importantes na definição do termo da maneira como o entendemos. Ele é muito do que se nos apresenta ao olhar e, daí então sua concretude. E é muito do que não se vê, do que apenas se sente, é muito de sentimento tal como o lugar, daí então a sua existência abstrata.

Considerações Finais

O debate sobre o território não se encerra em algumas laudas. A complexidade do tema nos leva a debruçar mais sobre essa temática e, é claro, a optarmos por uma linha de interpretação. Do contrário poderemos, como diz a expressão popular, ficar dando tiros no escuro e assim perdermos o fio condutor da discussão.

Neste sentido é que nossa empreitada está apenas começando. Essa categoria de análise da geografia constitui o cerne de nossas preocupações por entendermos o quanto seu estudo pode contribuir para o conhecimento do espaço e, conseqüentemente, do nosso lugar nesse espaço.

Assim como o trabalho organizado por Zilá Mesquita denominado Territórios do Cotidiano, essa será a nossa próxima atividade, ou seja, refletir acerca dos territórios do cotidiano, tendo como substrato para as investigações o espaço da cidade, neste caso, Uberlândia.

Vários e complexos são os territórios construídos privados ou públicos e que fazem parte de nossa vida cotidiana. Em ambos os casos há possibilidades de delimitar uma fronteira,

um limite para além do qual ele se transforma em objeto de defesa, de luta, de discriminação e censura.

Esses limites, como referenciados anteriormente, podem ser materiais alterando a própria paisagem e impondo uma linha divisória, ou podem também ser imaginários e nem por isso menos agressivos do que os que se mostram imediatamente ao olhar. É assim também que os espaços da cidade são contraditoriamente apropriados sem muitas vezes garantir ao cidadão o já adquirido direito de ir vir.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Jorge Alberto Soares. Territórios do cotidiano: introdução a uma abordagem teórica contemporânea. In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Territórios do Cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS – Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995. pp. 40 - 48

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: O Estado da Arte. CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) Manifestações da cultura no espaço. In: **Revista Geografia Cultural**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.59 – 97.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Elementos de Teoria Geral do Estado**. 25. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton et al. **Território, territórios** – ensaios sobre o ordenamento territorial. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 411 p.

MESQUITA, Zilá. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Territórios do Cotidiano** uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS – Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995. pp. 76 - 92

MORAES, Antonio Carlos R. **Geografia, Pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1997. 138 p.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. 269 p.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1988. 124 p.

_____. **O dinheiro e o território.** In: SANTOS, Milton et al. Território, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. pp. 13 - 21

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia:** contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004. 218 p.

VLACH, Vânia Rubia Farias. **Acerca da Geografia, da Política, e da Geograficidade:** fragmentos metodológicos. Uberlândia: Sociedade & Natureza, nº. 11 (21 e 22), jan./dez.1999. pp. 97-109.